

PRÁTICAS DE LEITURA EM CLASSES DE ACELERAÇÃO DE APRENDIZAGEM NA CIDADE DE RIO BRANCO

COSTA, Maria Regiana Araújo da¹.

Universidade Federal do Acre

maria.regiana@hotmail.com

Resumo:

Este artigo é fruto de um estudo de caso sobre práticas de leituras de professores atuantes em classes de aceleração de aprendizagem na cidade de Rio Branco. O objetivo é apresentar a análise de algumas práticas de leitura de professores ocorridas nesse programa de aceleração, relacionando-as a práticas docentes, considerando-se os estudos sobre o Letramento. Para isso, utilizo os Parâmetros Curriculares Nacionais, enquanto documento de suporte à prática pedagógica, que aponta o papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades, ampliando ainda mais para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Tais documentos serviram como forma reflexiva de relacionar teoria e prática. Além disso, a partir das observações feitas das ações de leitura proporcionadas pelos professores, relacionei-as à proposta pedagógica desse programa de aceleração de aprendizagem e aos planejamentos/direcionadores elaborados pela equipe técnica e fornecidos aos professores. Assim, analisei, para a produção desse artigo, entrevistas realizadas com a equipe técnica, três professores atuantes no programa, centrando a análise na compreensão de letramento que esses sujeitos possuem, relacionada às ações desenvolvidas com base nesse entendimento. Utilizo como aporte teórico de análise para a produção desse trabalho, as contribuições de Marildes Marinho quando nos coloca em cena polarizados discursos sobre o professor: ser ou não ser leitor e ainda apresenta alguns elementos reflexivos para a história das práticas de leitura no Brasil.

Palavras-chave: Práticas de leitura; Professor leitor; Professor não-leitor; Teoria e Prática

¹Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade – UFAC/2011.

Práticas de promoção da leitura e da escrita que possibilitam o princípio de que aprender a ler e escrever tem valor à medida que capacita as pessoas a participar ativamente da sociedade, a analisar criticamente a realidade, a lutar por direitos e desafiar estruturas de poder estabelecidas, são consideradas por Paulo Freire² como práticas de letramento.

Com essa compreensão de letramento, entende-se que a escola enquanto uma das principais agências de promoção dessa leitura é capaz de formar indivíduos mais críticos e capazes de perceber o mundo que os cerca de uma forma global. Confirma-se assim, a leitura como um dos mecanismos ou instrumentos contribuintes para que nós seres humanos possamos evoluir no mundo e talvez assim, nos tornarmos seres melhores intelectualmente. Além disso, a escola é o lugar privilegiado para estimular o gosto pela leitura, sendo um dos principais canais para a concretização dessa compreensão benéfica que é a leitura na vida social de um cidadão.

Dentro dessa temática da leitura como uma concepção social apresentada pela escola, são levantadas algumas questões inquietantes: será que a escola realmente se percebe em sua vivência pedagógica enquanto um dos principais veículos de transporte para o prazeroso hábito da leitura? Quais ações são realizadas no interior das salas de aulas que proporcionam o estímulo, encantamento e degustação prazerosa da leitura, tornando-a uma prática social? Os autores, professores, se veem personagens ativos para a formação de alunos com comportamentos de leitores? Podemos fielmente afirmar que as salas de aulas são consideradas agências de leitores? Será que as leituras feitas na escola viraram obrigação porque também se tornaram conteúdos avaliativos? E o prazer de ler pelo deleite, sem uma obrigação de preenchimento de fichas avaliativas, ficou esquecido?

Esse é um tema que embora bastante debatido, ainda nos inquieta no sentido de compreendermos que práticas de leitura proporcionam esse entendimento mais amplo quanto à função da leitura na escola, uma vez caracterizado como um fator preponderante para o sucesso em nossas vidas, em seus diversos aspectos.

Diante disso, ainda questiono: o que leva um aluno a não gostar de ler e ser exigido por aqueles que o orientam, professores, a escreverem tanto?

Partindo desse pressuposto, percebe-se que a escrita é uma consequência da leitura, conforme menciona Murrie et al:

(...) por que e para que escrevemos? Qualquer ato de escrita pressupõe uma leitura. Ao rascunharmos um simples bilhete ou formularmos um trabalho,

²Ribeiro, *Em questão 2: políticas e práticas de leitura no Brasil*, 2004, p. 15.

pretendemos sua leitura. A sobrevivência da escrita na sociedade é limitada pela sua função: a leitura.³

Com tal abordagem, mais uma vez indago: será que a escola, e quando cito *escola*, refiro-me diretamente a prática pedagógica dos professores, sua formação acadêmica dentre outros conhecimentos lhes proporcionados na docência, possibilitaram ou dão margem para essa criticidade das contribuições da leitura para formar cidadãos críticos socialmente?

Segundo afirmação de Moraes (1996) a melhor maneira de começar a sonhar é por meio dos livros, ou seja, é através da arte da leitura por deleite individual que podemos transportar esse fazer para uma prática mais elaborada que constitua uma leitura que resulte de forma positiva para a vida de forma integral. Daí, esse mesmo autor compara a leitura com a alimentação: “(...) um texto, conforme nossa fome e nossa disposição momentânea, a gente engole, devora, mastiga, saboreia (...)”.⁴

Nesse sentido, a leitura, vista como conhecimento numa dimensão mais ampla, é ferramenta necessária para a continuidade dessa evolução e crescimento intelectual na sociedade. Daí, a escola nesse sentido tem um importante papel na formação de um cidadão consciente e capaz de ser leitor e não apenas “ledor”.

Segundo afirmação de Aguiar e Bordini (1988) “(...) a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra (...)”.⁵ Partindo dessa compreensão, percebe-se a necessidade que a escola tem de proporcionar ao aluno uma leitura que lhe possibilite enxergar significados e significantes dentro de seu contexto grupal, para que a leitura possa despertar algum sentido e com isso resultar em aprendizagem.

Ao focar nessa linha de raciocínio, pode-se afirmar que quando se realiza um bom trabalho com a leitura na escola, desenvolve-se no aluno o prazer de ler, o saber interpretar e o saber produzir. Cabe à escola o dever de objetivar o desenvolvimento de tais potencialidades, como forma de emancipar e ao mesmo tempo integrar o aluno no espaço sociocultural.

Dessa forma, entende-se a leitura com papel social, cultural e educativo para a sociedade de maneira geral, pois ler é importante para a emancipação do leitor, para um melhor estudo e conhecimento da língua, para o alongamento das experiências pessoais e um maior conhecimento do mundo, para dar prazer. Conforme os Parâmetros Curriculares de

³Murrie et al, *Universos da Palavra da Alfabetização à Literatura*, 1995, p. 45.

⁴Moraes, *A arte de ler*, 1996, p. 13.

⁵Aguiar e Bordini, *Literatura – A Formação do Leitor*, 1998, p. 16.

Língua Portuguesa, com foco em dá ao aluno condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem, considerada aprendizagem fundamental para o exercício da cidadania.

Nessa perspectiva de apresentação de uma leitura mais ampla, que possibilite esse conhecimento do mundo e, contribua para a emancipação de um sujeito aluno com participação ativa enquanto cidadão na sociedade, levando a uma compreensão da leitura para além do ato primeiro de alfabetizar, entende-se o letramento, como “(...) uma acepção ampliada do conceito de alfabetização, que se refere às práticas de uso da linguagem escrita em diversos contextos sociais”.⁶

Dentro dessa abordagem das práticas de leitura que promovem essa compreensão de letramento na escola ou nas práticas educativas de professores, este trabalho propõe apresentar algumas experiências de professores atuantes em classes de aceleração de aprendizagem na cidade de Rio Branco.

Para a realização desse trabalho o qual trata-se de um estudo de caso, foram realizadas entrevistas com três professoras atuantes em classes de aceleração de aprendizagem, com a equipe pedagógica do referido programa e visita ao planejamento pedagógico realizado por supervisores pedagógicos e professores.

De forma a situar o leitor nesse contexto das práticas de leitura desenvolvida por professores das classes de aceleração de aprendizagem, será feito um breve relato sobre os fatores que contribuiram para a constituição desse programa de aceleração na cidade de Rio Branco.

Conforme nos mostra a Proposta Pedagógica desse programa, a justificativa para o seu nascimento se deu a partir de dados estatísticos nacionais e estudos sobre a educação básica no Brasil, os quais evidenciavam uma alta taxa de abandono escolar, assim como elevados índices de reprovação e repetência, indicando resultados insatisfatórios na educação, tendo com isso, a baixa qualidade do ensino. Seguindo o que dita a Proposta Pedagógica, registra-se também uma elevada distorção entre a idade e a série que os alunos deveriam estar frequentando a escola.

(...) Em 1995, 44,53% dos alunos do Ensino Fundamental no Brasil estavam, pelo menos, com dois anos de atraso em relação à série em que deveriam estar de fato. Dados censitários do INEP/MEC (1995) mostraram que mais de 9,8 milhões de alunos, dos 33 milhões que frequentavam o Ensino Fundamental em 1996, eram repetentes (...). Essa situação de fracasso escolar, como revelou o Sistema de Avaliação da Educação Básica, (SAEB)

⁶Ribeiro, *Em questão 2: políticas e práticas de leitura no Brasil*, 2004, p. 8.

gera novas situações de reprovação, reiterando e até mesmo agravando o problema.⁷

Tais resultados são considerados demasiadamente preocupantes e vistos num âmbito econômico e social como negativos para a Educação Básica. De forma a ressaltar tais informações, registra-se que os baixos padrões do Ensino Fundamental no Brasil implicavam despesas desnecessárias, correspondendo aproximadamente a um terço do orçamento para esse nível de ensino.

Diante de tal quadro educacional, adotando medidas na tentativa de melhorar a situação, em 2002 a Secretaria de Estado de Educação do Acre concedeu o Programa Especial de Aceleração da Aprendizagem do Segundo Segmento do Ensino Fundamental – Projeto Poronga -, como uma experiência educacional alternativa para aqueles alunos que apresentassem atraso escolar de dois ou mais anos. Decidiu trabalhar a correção de fluxo do 6º ao 9º ano, em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

Dessa forma, com intenção de conhecer a proposta de ensino e as práticas de leitura e escrita adotadas nesse programa de aceleração de aprendizagem, serão apresentadas neste trabalho algumas abordagens frente às práticas docentes relacionando-as ao estudo sobre o Letramento.

As três professoras entrevistadas atuam em classes de aceleração, em escolas da Rede Estadual de Rio Branco. Elas serão identificadas nesse trabalho com nomes fictícios como professora Ana, professora Bruna e professora Camila. A profissional entrevistada da equipe pedagógica será identificada por Sônia, a qual é responsável pela elaboração de materiais de suporte pedagógico voltados diretamente para as práticas de leitura na escola, esta ainda coordena e ministra oficinas para os professores atuantes nesse programa. A professora Ana atua nesse programa de aceleração desde 2002, tem formação acadêmica em Educação Física. A professora Bruna atua nesse programa desde 2003, sua formação acadêmica é em Biologia e a professora Camila desde 2007 com formação em Língua Portuguesa. Sônia com formação em Língua Portuguesa atua desde 2002, nesse programa de aceleração e a partir de 2006 passou a fazer parte da equipe pedagógica.

Uma característica diferenciada desse programa é que os professores atuantes trabalham com a unidocência, ou seja, atuam em classes de aceleração de aprendizagem do ensino fundamental do 6º ao 9º ano e ministram todas as disciplinas do currículo básico para essas séries de aceleração. Outro fator relevante a citar é que esse programa está dividido em

⁷Proposta Pedagógica do Programa Especial de Aceleração da Aprendizagem do Segundo Segmento do Ensino Fundamental – Projeto Poronga, 2009, p. 7.

duas etapas I e II. Os alunos pertencentes à etapa I estudam conteúdos referentes ao 6º e 7º ano por um período de um ano e os da etapa II cursam o 8º e 9º ano do ensino fundamental por mais um ano. Essa organização deu-se devido à necessidade pedagógica que alunos e professores apresentaram frente à melhoria na efetivação do ato de ensinar e aprender. Essa formatação de trabalho com turmas de aceleração por etapas com duração de dois anos teve início no ano de 2009.

Um das primeiras etapas realizadas para a iniciação da coleta de informações sobre como são pensados, debatidos, elaborados e estruturados os planejamentos pedagógicos como ferramenta de suporte para a ação docente no decorrer da semana, foi visitar um planejamento pedagógico entre professores e supervisores pedagógicos. Essa reunião entre esses pares acontece semanalmente, e o dia da semana escolhido, é o sábado no horário das 8h às 12h. Esse realmente é um encontro oportuno para estudos, debates, discussões acerca de aprendizagens, dificuldades de aprendizagens dos alunos, desafios dos professores frente às estratégias e mecanismos que deverão ser criados para consolidar sua prática pedagógica, construções e partilhas de estratégias que viabilizem e deem significados ao ensino e a aprendizagem no processo dinâmico da sala de aula.

O planejamento pedagógico da equipe de professores atuantes nesse programa de aceleração de aprendizagem é feito coletivamente. A supervisora pedagógica direciona as atividades e lidera as ações, buscando orientar os professores para a execução de práticas que fortaleçam a aprendizagem com significados. Nesse dia de observação, aos professores, foi disponibilizado uma oficina de matemática referente ao conteúdo curricular monômios e polinômios. Essa oficina foi ministrada por um professor do grupo.

Percebe-se assim, que pelo fato dos professores atuarem com a unidocência, há a necessidade de estudos em grupos sobre os conteúdos do currículo básico desse programa, isso como forma de preparação para ministrarem as aulas com maiores embasamentos, pois o conhecimento é uma construção entre professores e alunos, como ressalta a proposta pedagógica desse programa, mas o professor é o sujeito mais experiente daquele ambiente de construção de saberes, ele é quem orienta as ações e conduz o sujeito aluno para uma aprendizagem sistematizada e com significados, a qual é exigida pela sociedade quando esse aluno conclui o ensino fundamental (6º ao 9º ano) nas classes de aceleração de aprendizagem.

Sobre como o professor desse programa de aceleração se classifica enquanto leitor ou não-leitor, diante desse desafio da unidocência, a professora Bruna enfatiza:

Considero-me uma professora leitora, pois todo professor deve ser um leitor, e especificamente no Poronga⁸ temos que ler muito, além de gostar de pesquisar, pois como é um trabalho unidocente temos que nos preparar para todas as disciplinas, com isso, favorecendo a leitura diária.⁹

Complementando esse raciocínio, a professora Ana diz: “Sou uma professora leitora porque o Projeto exige muita leitura (...)”.¹⁰ Enquanto formadora de professores, Sônia embasa: “(...) eu os considero leitores, pois é difícil desenvolver um trabalho de leitura com os alunos não sendo essa uma prática do docente”.¹¹ Assim, como enfatiza Marinho, “(...) professor e escola são uma iniciação ao caminho das letras (...)”.¹²

Poderíamos neste trabalho afirmar que a unidocência é um dos maiores desafios para o professor desse programa de aceleração, dificultando sua atuação com práticas de letramento com os alunos pertencentes a essa realidade educativa, social e econômica de nosso país, mas esse não foi apresentado pelos professores como o maior obstáculo, pois para esses docentes, a unidocência “(...) dá a liberdade de buscar cada vez mais, de criar estratégias, de ousar. Somos verdadeiramente mediadores, educadores e não técnicos. Aprendemos juntos e praticamos juntos”.¹³

Quando se trata de um trabalho pedagógico realizado a partir da compreensão de que a leitura e a escrita estão ligadas diretamente a práticas sociais com indivíduos envolvidos em contextos sociais, a unidocência embora desafiante e trabalhosa intelectualmente é considerada um facilitador, como ressalta a professora Camila:

Acredito que professor unidocente tenha mais facilidade de desenvolver o trabalho com a leitura, pois ele tem a oportunidade de conhecer cada aluno num tempo maior, facilitando assim identificar as dificuldades de cada um. Além de compreender que o trabalho com a leitura não é uma atividade exclusivamente da disciplina de Língua Portuguesa, mas sim de todas as disciplinas curriculares.¹⁴

⁸O programa de Aceleração de Aprendizagem do 6º ao 9º ano na cidade de Rio Branco chama-se Programa Especial de Aceleração da Aprendizagem do Segundo Segmento do Ensino Fundamental – Projeto Poronga. A *poronga* trata-se de um instrumento utilizado pelos seringueiros da Amazônia para auxiliar na iluminação da floresta ao fazer o corte da seringa.

⁹Manuscrito obtido em entrevista com a professora Bruna na data 16/10/2011 – professora atuante no Programa de Aceleração da Aprendizagem – Projeto Poronga desde 2003.

¹⁰Manuscrito obtido em entrevista com a professora Ana na data 14/10/2011 – professora atuante no Programa de Aceleração da Aprendizagem – Projeto Poronga desde 2002.

¹¹Manuscrito obtido em entrevista com Sônia, integrante da Equipe Pedagógica do Programa de Aceleração da Aprendizagem – Projeto Poronga – atuante na equipe pedagógica desde 2006.

¹²Marinho e Silva, *Leituras do professor*, 1998, p. 8.

¹³Manuscrito obtido em entrevista com a professora Ana na data 14/10/2011 – professora atuante no Programa de Aceleração da Aprendizagem – Projeto Poronga desde 2002.

¹⁴Manuscrito obtido em entrevista com a professora Camila na data 16/10/2011 – professora atuante no Programa de Aceleração da Aprendizagem – Projeto Poronga desde 2007.

De forma a endossar tais afirmações, a professora Bruna compreende que “o trabalho com a unicodência favorece muito o desenvolvimento dos alunos, pois acompanhamos o seu crescimento individual e em todas as disciplinas do curso (...)”.¹⁵

O entendimento frente aos depoimentos das professoras é que independente da disciplina a qual está sendo cursada, a leitura é essencial para o desenvolvimento do aluno, portanto, as práticas de leitura não estão presentes somente no módulo de Língua Portuguesa, mas nos subseqüentes. Exemplo disso, esse programa de aceleração tem dois projetos de leitura a serem trabalhados durante todo o ano letivo em comunicação com as disciplinas do currículo, que são: *Ler é um Prazer e Percurso Livre*.

No primeiro projeto trabalha-se o roteiro de leitura com temas diversos da atualidade, envolvendo conteúdos de todas as disciplinas do componente curricular e fazendo sempre uma relação dos temas com conteúdos ligados as disciplinas que estão sendo ministradas naquele momento. As atividades desenvolvidas no roteiro de leitura têm como principal foco as habilidades do SAEB e produção textual, como enfatiza, Sônia, da equipe pedagógica desse programa de aceleração.

Para 2012, Sônia acrescenta:

O programa planeja reformular o Projeto Ler é um Prazer, acrescentando mais de 32 (trinta e dois) livros de diversos gêneros, os quais foram trabalhados esse ano na mala de leitura, porém, no próximo ano, esses livros constarão no projeto com as biografias dos autores, gêneros ao qual pertencem, sinopse e sugestões de estratégias para serem utilizados pelos professores em sala de aula.¹⁶

O segundo projeto de leitura trabalhado nas classes de aceleração de aprendizagem nessa modalidade do 6º ao 9º ano é o *Percurso Livre*, projeto desenvolvido pela Fundação Roberto Marinho, com o livro *O Príncipe Feliz* e outros contos de Oscar Wilde.

Esses dois projetos de leitura são favorecidos aos professores pela equipe pedagógica do programa de aceleração e para garantir a utilização adequada dessas ferramentas, aos professores, é oportunizado uma capacitação que orienta o trabalho com tais materiais. Esse suporte pedagógico direcionado para o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita é desenvolvido nos planejamentos pedagógicos semanalmente e durante as

¹⁵Manuscrito obtido em entrevista com a professora Bruna na data 16/10/2011 – professora atuante no Programa de Aceleração da Aprendizagem – Projeto Poronga desde 2003.

¹⁶Manuscrito obtido em entrevista com Sônia, integrante da Equipe Pedagógica do Programa de Aceleração da Aprendizagem – Projeto Poronga – atuante na equipe pedagógica desde 2006.

oficinas/capacitações fornecidas pela equipe pedagógica local ou pela equipe da Fundação Roberto Marinho. Sobre isso, a professora Camila lembra:

A Fundação Roberto Marinho tem nos ajudado a desenvolver esse trabalho. No momento, estamos trabalhando com o livro **Viagem pelo Brasil em 52 histórias**, nele podemos levar os nossos alunos a conhecerem um pouco da cultura de cada região.¹⁷

No decorrer dos relatos das três professoras entrevistadas, percebe-se a compreensão que elas têm da importância das práticas de leituras que possibilitem entender as funções sociais da leitura e escrita para a formação escolar dos alunos. Entendem que o letramento é mais amplo do que apenas decodificar letras e números, é ter um entendimento e se posicionar diante do tema através da leitura e escrita, ou seja, é ter uma visão ampla e profunda do mundo que nos rodeia como enfatiza Sônia da equipe pedagógica.

Outro ponto observado tanto durante a visita ao planejamento pedagógico como nos manuscritos das entrevistas é que estas a partir da compreensão da função social da leitura e escrita na vida profissional e social de seus alunos, realizam esse trabalho de educação e conduzem o processo de ensino e aprendizagem com seriedade, e buscam estabelecer relações de comunicação entre teoria e prática, pois esse grupo de professores não se reúnem somente para estudos referentes a conteúdos curriculares, mas buscam outros saberes, como por exemplo, relacionar as vivências de suas salas de aulas a proposta pedagógica desse programa de aceleração e ainda articulam tais conhecimentos com outros como os Parâmetros Curriculares Nacionais, que preconiza justamente esse ensino global, que possibilite a formação de cidadãos de forma integral, como enfatiza a professora Bruna: “O trabalho desenvolvido em nossas salas está diretamente ligado aos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois o nosso objetivo é formar cidadãos capazes de atuar de forma positiva em sua comunidade”.¹⁸ Dessa forma, as práticas de letramento são vistas com bastante seriedade, procurando-se para isso, ampliar a visão de mundo do aluno, disponibilizando uma variedade de títulos de diversos gêneros, assim como a utilização de temas transversais e atividades que contribuem para uma maior compreensão de mundo.

Essa compreensão é encontrada nos Parâmetros Curriculares Nacionais quando afirma:

¹⁷Manuscrito obtido em entrevista com a professora Camila na data 16/10/2011 – professora atuante no Programa de Aceleração da Aprendizagem – Projeto Poronga desde 2007.

¹⁸Manuscrito obtido em entrevista com a professora Bruna na data 16/10/2011 – professora atuante no Programa de Aceleração da Aprendizagem – Projeto Poronga desde 2003.

A LDB deixa expressa a necessidade de se trabalhar com diferentes áreas de conhecimento que contemplem uma formação plena dos alunos, no que diz respeito aos conhecimentos clássicos e à realidade social e política (...). As áreas de conhecimento constituem importantes marcos estruturados de leitura e interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma. Ou seja, as diferentes áreas, conteúdos selecionados em cada uma delas e o tratamento transversal de questões sociais constituem uma representação ampla e plural dos campos de conhecimento e de cultura de nosso tempo, cuja aquisição contribui para o desenvolvimento das capacidades expressas nos objetivos gerais.¹⁹

São essas as comunicações estabelecidas entre proposta pedagógica desse programa de aceleração e as práticas docentes direcionadas para formar sujeitos mais conscientes e preparados para atuar na sociedade de forma responsável e autônoma. Esse programa de aceleração favorece o trabalho com o letramento desde a realização de atividades de leitura e escrita no desenvolvimento diário das aulas como através dos projetos de leitura sistematizados pela equipe pedagógica e aprimorados pelos professores. A proposta de trabalho é contribuir para a formação de cidadãos ativos e reflexivos de forma a promover uma aprendizagem significativa.

¹⁹Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais, 1998, p. 57-58.

Referências bibliográficas:

ACRE, Secretaria de Estado de Educação. *Proposta Pedagógica do Programa Especial de Aceleração da Aprendizagem do Segundo Segmento do Ensino Fundamental – Projeto Poronga*. Rio Branco, 2009.

AGUIAR, Vera Teixeira de. e BORDINI, Maria da Glória. *Literatura A Formação do Leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF. 1998.

EM QUESTÃO 2. *Políticas e práticas de leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Observatório da Educação e da Juventude, 2004.

MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas. (orgs.). *Leituras do professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1996.

MURRIE, Zuleika de Felice; VIEIRA, Alice; LOPES, Harry Vieira. *Universos da Palavra da Alfabetização à Literatura*. São Paulo: Inglu, 1995.